

RECONHECER É POLÍTICO: A RECUPERAÇÃO DO LEGADO DAS MULHERES PIONEIRAS NO FUTEBOL BRASILEIRO

GOELLNER, Silvana e CABRAL, Juliana. **As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer.** São Paulo: Ludopédio, 2022.

Bruna Ferraz Barenco¹

“Não escrevemos sobre elas, mas com elas” (GOELLNER; CABRAL; 2022): é assim que as autoras Silvana Goellner e Juliana Cabral assinam o prólogo do livro “As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer” (2022). O objetivo do trabalho é bem claro até mesmo em seu título, e as autoras buscam lançar luz sobre atletas do início do futebol de mulheres no Brasil – muitas das quais jogaram ainda em uma época em que o esporte era proibido pela lei brasileira.

O futebol, assim como outras práticas esportivas, foi proibido para mulheres pelo Decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941, durante o Estado Novo. A lei só seria revogada mais de quarenta anos depois, em 1983, quando o Conselho Nacional de Desportos (CND) considerou a prática “aceitável”. Até então, mulheres que praticavam futebol podiam ser abordadas por forças policiais. Mas, mesmo durante a proibição, é importante ressaltar que as mulheres não renunciaram à prática do futebol, como apontado por Bonfim (2019), e encontraram alternativas em festas populares e até mesmo circos para continuarem jogando. Ainda assim, é inegável que o peso da proibição e suas consequências refletem na evolução do esporte feminino no Brasil até hoje.

As discussões de gênero que perpassam o futebol de mulheres incluem desde a prática até a gestão e a torcida. O futebol se construiu durante o século XX como um esporte popular, mas também um campo de reprodução de masculinidades, com discursos que deixam as mulheres às margens do esporte. Embora o cenário esteja melhorando nos últimos anos, as mulheres seguem sendo minoria no mundo esportivo. Mesmo partindo do princípio de que espetacularização de corpos é parte da performance esportiva (GOELLNER, 2006), muitas vezes as mulheres deixam de ser vistas ou valorizadas, especialmente quando sua prática não serve a ideia patriarcal do que elas devem ser ou fazer.



ESTE TRABALHO ESTÁ LICENCIADO COM UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS - ATRIBUIÇÃO-NÃOCOMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL.

1 - Mestre em História – Universidade Federal Fluminense; E-mail: brunabarenco@id.uff.br; ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8719-0525>.

Os últimos anos viram um aumento não só na atuação feminina no esporte, dentro e fora de campo, mas também nas pesquisas acadêmicas que se dedicam a analisar, investigar e ilustrar a presença de mulheres no campo esportivo. No Brasil, trabalhos como os de Silvana Goellner, Aira Bonfim e Fernanda Haag contribuem para transformar as mulheres no futebol em protagonistas, não apenas das suas histórias, mas da história do esporte brasileiro. Pesquisas e exposições organizadas por instituições como o Museu do Futebol, localizado no Pacaembu, em São Paulo, desempenham um papel crucial na consolidação das mulheres como protagonistas no futebol. Alguns exemplos desses esforços incluem o projeto “Visibilidade para o Futebol Feminino” (2015) e as exposições “Mulheres, Desobediência e Resiliência” (2019), “Contra-ataque! As Mulheres do Futebol” (2023) e “Rainhas de Copas” (2023), que são fundamentais para promover a presença e o reconhecimento das mulheres no cenário esportivo.

Essa busca por agência das mulheres no futebol motivou a ideia inicial de “As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer”, e da parceria das autoras. O Grupo de Pesquisa Mulheres do Futebol (GEMF), formado por Goellner, Lu Castro e as ex-jogadoras Juliana Cabral, Dilma Mendes, Leda Maria, Márcias Tafarel e Thaís Picarte foi o pontapé inicial para o projeto que se tornaria o livro. A experiência de Goellner e Cabral justifica o interesse em realizar uma iniciativa como essa.

Silvana Goellner é doutora em Educação pela UNICAMP e autora da tese ‘Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física’, publicada em 1999. Foi coordenadora do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFGRS (03/2000 a 05/2019), editora da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (2005-2007) e da Revista Movimento (2003-2005) e curadora das exposições ‘Visibilidade para o Futebol Feminino’ e ‘Contra-ataque: as mulheres do Futebol’ realizadas no Museu do Futebol” para “e curadora das exposições ‘Visibilidade para o Futebol Feminino’ e ‘Contra-ataque: As Mulheres do Futebol’, realizadas no Museu do Futebol em 2015 e 2019 respectivamente. Atualmente, é professora visitante na Universidade de Pelotas, coordenadora do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO), e membro do Comitê Esportes do Grupo Mulheres do Brasil e o Grupo de Estudos Mulheres do Futebol (GEMF), além de colaboradora do Ludopédio, com a coluna “As Mulheres do Futebol”.

Já Juliana Cabral vem de uma trajetória bastante distinta, mas especialmente relevante para o projeto: é ex-jogadora de futebol. Cabral jogou na zaga e fez parte da seleção brasileira até 2004, pela qual foi bicampeã Sul-Americana, medalhista de ouro nos Jogos Panamericanos de

2003 e de prata nos Jogos Olímpicos de 2004. A carreira de Juliana Cabral começou no futebol de salão, disputando pequenos campeonatos, até ser revelada pelo Saad Esporte Clube. Em 1999, conseguiu uma vaga na seleção brasileira e teve a oportunidade de se profissionalizar no futebol de campo e seguir na carreira. Após a sua aposentadoria, trabalhou como comentarista em canais como a Bandeirantes, BandSports, RedeTV e Globo, além de cursar a faculdade de educação física. Mais recentemente, comentou a Copa do Mundo Feminina de 2023 e os Jogos Olímpicos de 2024 pela CazêTV.

As autoras se juntaram pela primeira vez em 2020, mas a ideia do livro foi impulsionada apenas com o GEMF um ano depois. Como elas mesmas se posicionam “Nosso ato é político, e ao reclamar a falta de conhecimento da entidade máxima do futebol brasileiro a essa precursora, reivindicamos as devidas homenagens (...)” (p. 14). Reunir as histórias de todas as pioneiras é uma tarefa que beira o impossível, então foi decidido que onze mulheres – um time de futebol – seriam escolhidas para contarem suas histórias. As entrevistas com as jogadoras foram realizadas ao longo de meses, assim como reuniões, e houve uma aprovação final de cada uma sobre o texto a ser apresentado na versão final da obra.

Os capítulos do livro são divididos por jogadoras: A atacante que comeu a grama do Olímpico (Ketty); A goleira de duas metas (Meg); Eu não sou resto, sou sua atleta (Cenira); Chamosas e belas dentro do campo: não é para isso que eu estou jogando futebol (Márcia Tafarel); A zagueira que matou a fome jogando bola (Soró); O futebol que só era possível à luz do luar (Ita Maia); É este esporte que eu quero para mim (Patrícia); O futebol para as mulheres não era uma profissão. E a história comprova isso (Suzana Cavalheiro); A primeira brasileira no calcio italiano (Lucia Feitosa); Mais que musa, uma craque (Bel); Não sou mulher só em março nem negra só em novembro (Dilma Mendes); Euforia é uma sensação que só quem ganha sabe (Helena Pacheco) e CBF, cadê a coroa da nossa Imperatriz? (Sissi). No total, exceto pela homenagem a Sissi², todas foram entrevistadas e aprovaram sua participação no projeto, contando sua história da forma que desejam que seja contada.

Apesar de cada uma ter sua trajetória e contendas individuais, é claro, algumas questões estão presentes nas histórias de quase todas. A dificuldade de praticar o futebol, o preconceito e o machismo enfrentado no âmbito esportivo são problemas citados em quase todos os depoimentos. Dentro

² Sisleide do Amor Lima, mais conhecida como Sissi, é considerada uma das melhores jogadoras da primeira geração de atletas pós-proibição. Fez parte da primeira Seleção Brasileira convocada pela Confederação Brasileira de Futebol, em 1988, para o Torneio Experimental da China.

desse escopo de dificuldades enfrentadas pelas pioneiras do futebol feminino, algumas histórias se destacam.

É o caso de Dilma Mendes, que relembra não apenas o racismo e machismo enfrentados ao longo de sua carreira, mas também como quando criança, na década de 70, era obrigada a jogar futebol escondida. Tão escondida que utilizou o recurso de construir uma “cova” próxima ao campo e se refugiar ali quando necessário, contando com a ajuda dos colegas que avisavam quando deveria se esconder ou poder sair e voltar para o campo. A história de Dilma Mendes remete à proibição do futebol feminino, e como isso impactou a prática. Ainda que as mulheres nunca tenham parado de jogar bola (BONFIM, 2019; HAAG, 2023), a atividade sofria não apenas repressão social, mas até mesmo policial.

Já a atacante Bel Rodrigues, que foi considerada uma “musa” do futebol durante as décadas de 1980 e 1990, traz muito forte a questão da sexualização da mulher no esporte. Para essa questão, podemos levantar duas questões: a exploração do corpo feminino e a lesbofobia acarretada quando essas mulheres não se encaixavam no padrão de feminilidade esperado. Bel alcançou destaque fora de campo exatamente por se encaixar dentro da imagem de beleza e feminilidade que queriam para o futebol feminino. Nos anos 1980, iniciativas como Soccer Sex Stars (Rede Globo) e “Musas do Brasileirão” ou “Musas da Copa do Mundo” (Revista Placar) eram normais. Nesse cenário, Bel Rodrigues foi de garota propaganda a capa de revista – incluindo da Playboy, em 1993, sendo a primeira atleta brasileira a estampar a revista. Mas a ex-jogadora destaca que sua paixão sempre foi o futebol, e quer ser reconhecida pelos seus feitos dentro de campo, e não por sua imagem fora dele.

Por outro lado, jogadoras como Sissi enfrentavam o oposto, e por não se encaixarem no padrão de beleza, eram deixadas de fora até mesmo de alguns campeonatos, como o caso do Campeonato Paulista de 2001, que foi reservado para “meninas entre 16 e 23 anos”. A iniciativa da Federação Paulista de Futebol era mudar a cara do futebol feminino, como disse na época o presidente da FPF, Eduardo Farah, que queria aumentar a imagem comercial do futebol praticado por mulheres. Embora se encaixasse nos “padrões” exigidos, a goleira Márcia Tafarel escolheu não participar: “Mas eu não quero ter lugar na equipe porque sou uma mulher considerada bonita (...) Eu queria jogar porque eu tinha competência para jogar futebol.” (p. 65)

Outros pontos que se destacam são a busca dessas jogadoras, ao longo de toda a sua carreira, por valorização dentro e fora de campo. Levando em consideração o cenário do futebol feminino nas décadas de 1980 e 1990,

muitas tiveram passagens por clubes como o Radar e o Vasco da Gama, no Rio de Janeiro. Uma constante que aparece nos relatos, entretanto, é a falta de reconhecimento da modalidade. Foi o caso de Cenira, que além de ter sido mandada embora do Radar por estar grávida, ainda passou por discussões no Vasco:

“Eu fiquei um ano sem receber pagamento no Vasco. Até o Eurico Miranda fazer uma reunião com a gente e dizer que ia pagar o Romário e o resto era resto. Eu simplesmente me levantei da cadeira e falei: eu não sou resto, sou atleta e defendo as cores do seu time, então, dá licença! Levantei da cadeira e saí.” (p. 49).

Infelizmente, a experiência de Cenira não foi a única. Embora alguns clubes mantivessem times de futebol feminino, inclusive com sucesso como foi o caso do Vasco da Gama na década de 1990 e início dos anos 2000, o esporte praticado por mulheres não era visto como prioridade nos clubes, ou sequer era visto como esporte. Helena Pacheco também denuncia a falta de valorização, não só em campo, mas também nas funções técnicas. Após terminar sua carreira como jogadora, enfrentou dificuldades ao iniciar seu trabalho como técnica de futebol, podendo ser considerada também pioneira na carreira de treinadora.

Helena Pacheco foi a primeira técnica mulher a conquistar um título nacional, em 1993, quando comandou a vitória do Vasco da Gama na VII Taça Brasil de Futebol. Além das dificuldades para começar na carreira, ela destaca falta de inspirações de mulheres em funções técnicas, relatando sua admiração por Telê Santana, mas a busca por uma referência feminina. Até mesmo quando buscou formações nos Estados Unidos, país conhecido pelo sucesso no futebol feminino, encontrou poucas mulheres em posições de gerenciamento e treinamento. Na carreira de treinadora, Pacheco começou no futsal, e seu sucesso em quadra foi o que a trouxe oportunidades para ser técnica de um time de campo, e treinou o Vasco entre 1992 e 2001, durante o auge da equipe, ajudando a revelar nomes como Kátia Cilene, Pretinha e até mesmo Marta.

Relatos de personagens como as mulheres pioneiras no futebol, em um país que ainda aprende a valorizar os esportes femininos, é uma contribuição importante tanto para a historiografia do esporte, quanto do gênero. O protagonismo das mulheres no futebol, seja como jogadoras, treinadoras, torcedoras ou ainda pesquisadoras, é essencial. Mesmo assim, é preciso levantar algumas questões.

Assim como em qualquer trabalho que envolve depoimentos e memória,

é preciso trazer os questionamentos que essas fontes envolvem. A memória é construída em um processo de negociação entre o individual e o coletivo (POLLACK, 1989), especialmente em situações em que essa memória é parte da identidade de um grupo. É importante destacar também o caráter autobiográfico que os depoimentos apresentam, com a primeira pessoa em destaque, envolvendo lembranças e esquecimentos (SARLO, 2007).

Essa questão se torna ainda mais proeminente quando se leva em conta que todas as jogadoras aprovaram o texto final que foi incluído no livro sobre suas trajetórias. A relação entre narrativas e autobiografias se torna relevante, ligado às múltiplas narrativas pessoais das atletas. Nesse sentido, é interessante a ideia de Arfuch (2010) sobre como as autobiografias podem se tornar fábulas da própria história. Em especial em um tema que envolve pioneirismo, essa questão da fábula é um ponto interessante de se notar, como as histórias das jogadoras são descritas e expostas da maneira que elas concordam que sejam, visando também fazer refletir e gerar inspiração por meio de suas trajetórias. Claro que qualquer trabalho que lide com memórias e depoimentos enfrenta interrogações parecidas, mas parece relevante destacar esse ponto devido ao formato da obra apresentada. É fundamental ressaltar também que a pesquisa foi complementada por fontes jornalísticas, acervos e vídeos, como pede uma boa crítica a fonte e aos depoimentos providos de entrevistas e história oral.

Por fim, é digno de nota o quanto a principal instituição do futebol no país deixa de lado o futebol de mulheres. A Confederação Brasileira de Futebol, historicamente, pouco valoriza a modalidade. Muitos dos times brasileiros dispõem de uma equipe feminina desde 2018, quando a CONMEBOL³ passou a exigir o cumprimento do novo estatuto da entidade, publicado em 2016, que dizia que todas as equipes masculinas que participam das competições CONMEBOL (Libertadores e Copa Sul Americana) seriam obrigadas a ter um time feminino. No Brasil, apenas em 2023 o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues, afirmou querer mais investimento dos clubes das séries A, B, C e D até 2027. Ainda assim, o investimento no futebol feminino ao nível nacional é baixo, assim como o reconhecimento das atletas.

De modo geral, “As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer”, pode ser interpretado, em um primeiro momento, mais como um livro de entrevistas de vida e memórias do que historiográfico. Mas a grande contribuição da obra pode ser exatamente essa: colocando as mulheres pioneiras no futebol como protagonistas, narrando suas próprias histórias e contribuindo como fontes de pesquisa. Em um cenário no qual

3 Confederação Sul-Americana de Futebol.

as pesquisas sobre esportes e gênero estão em constante crescimento, a importância de dar nomes a essas precursoras se torna ainda mais pertinente.

Ainda que o Brasil engatinhe no futebol feminino, o país receberá a Copa do Mundo Feminina de 2027, o que torna obras como a de Goellner e Cabral mais urgentes do que nunca. Fora da academia, recentemente o Brasil bateu o recorde de público sul-americano em uma partida de futebol feminino, na final do Campeonato Brasileiro de 2024 entre Corinthians e São Paulo, disputado na NeoQuímica Arena, além de ter conquistado uma marcante medalha de prata nas Olimpíadas de Paris 2024, que marcou a despedida de Marta, eleita seis vezes melhor do mundo e considerada uma das maiores jogadoras da história. Lembrar – e reconhecer – as pioneiras e ídolos do futebol feminino é garantir que seu legado permaneça, no esporte e fora dele.

Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BONFIM, Aira Fernandes. **Futebol Feminino no Brasil**: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941) São Paulo: Aira Bonfim, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina Trad.** de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BRASIL. **Decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país, 1941. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 24 set. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Seminário Estadual de Dissertações e Teses (1.: 2000: Porto Alegre, RS).[Programa e resumos]. Porto Alegre: UFRGS, 2000(2000).

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher e esporte no Brasil**: entre incentivos e interdições elas fazem história. Pensar a prática 8.1 (2005): 85-100.

HAAG, Fernanda Ribeiro. **O futebol feminino era uma das coisas que estava acontecendo**: as mobilizações do futebol de mulheres durante a transição democrática brasileira (1977-1983). FuLiA / UFMG. Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 9-37, 2023.

HAAG, Fernanda Ribeiro. **O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele:** O futebol como trabalho para as mulheres no Brasil (1983-2023). 2023. 356 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social.** Tradução de Monique Augras." Estudos Históricos: 200-212.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São. Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Recebida em outubro de 2024.

Aprovada em outubro de 2024.